

140 ANOS DE MILÃO: VESTÍGIOS DAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO DE SURDOS NOS RELATÓRIOS DO EVENTO

Eliane Telles de Bruim Vieira - UFES¹

José Raimundo Rodrigues - UFES²

Katiuscia Gomes Barbosa Olmo - UFES³

Lucyenne Matos da Costa Vieira Machado - UFES⁴

Eixo Temático 2: Propostas Curriculares e Práticas Pedagógicas

RESUMO

Este texto é um recorte de pesquisa que tem como objetivo retomar a história da educação de surdos por meio da releitura dos documentos do Congresso de Milão (1880): Fornari (1881), Franck (1880), La Rochelle (1880), Treibel (1881), Peyron (1880), Kinsey (2011). A partir de uma leitura deste *corpus* documental, procuramos retomar como em Milão se deu a construção de uma verdade a ser implementada através de práticas pedagógicas e como nos diversos documentos, numa análise que os contempla qual mosaico, temos novas problematizações acerca de uma história aparentemente já definida. Inspirados pela proposta de pesquisa foucaultiana e servindo-nos de seus conceitos-ferramentas, ousamos colocar em suspenso por meio dessa investigação algumas verdades bastante sedimentadas no contexto brasileiro no que se refere ao evento italiano. A aproximação ao conjunto de documentos referentes ao Congresso de Milão favorece discutir questões ainda hoje subjacentes em muitos debates acerca da educação de surdos e se apresenta como tarefa necessária, pois tal evento é, sem dúvida, o mais conhecido acerca da educação de surdos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de surdos; Congresso de Milão (1880); Método oral puro; Método misto.

¹ Licenciada em História pela UFES; mestrado em Educação pelo PPGE-UFES; doutoranda em Educação pelo PPGE-UFES na linha de pesquisa Educação Especial e Processos Inclusivos. ebruim@yahoo.com.br

² Licenciado em Filosofia pela PUC-MG; mestrado em Educação pelo PPGE-UFES; doutorando em Educação pelo PPGE-UFES na linha de pesquisa Educação Especial e Processos Inclusivos. jrrzenga@yahoo.com.br

³ Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Ciências Aplicadas Sagrado Coração; bacharel em Letras-Libras pela UFSC; mestrado em Educação pelo PPGE-UFES; doutoranda em Educação pelo PPGE-UFES na linha de pesquisa Educação Especial e Processos Inclusivos. katiusciaolmo@gmail.com

⁴ Licenciada em Pedagogia pela UFES; mestrado e doutorado em Educação pelo PPGE-UFES; pós-doutorado em Educação pela UNISINOS; docente (UFES). lumatosvieiramachado@gmail.com

1 ABRE-TE!

Rumando para o final do século XIX, nas catedrais europeias, o ritual católico do sacramento do batismo previa um gesto singular. Após se derramar a água benta sobre a criança, significando o seu nascimento como filho de Deus, o sacerdote tocava os ouvidos e os lábios do infante e pronunciava: “Efatá!”. Inspirado na ação narrada pelos evangelhos de Jesus curando um *surdo-mudo*⁵, a repetição do ato no sacramento apelava para a capacidade do novo cristão ouvir a boa nova e ser capaz de anunciá-la. “Abre-te!”

Mas após alguns poucos anos, muitas famílias se deparavam com o fato de terem filhos surdos. Como educar essas crianças? Como conduzi-las? No século XIX, as instituições europeias que se dedicavam à educação de surdos experimentavam práticas diversas e, num ímpeto de homogeneizar ações, professores de surdos organizavam congressos para se discutir o melhor método a ser utilizado. “Abre-te!” foi também o desejo do Congresso de Milão (1880), modificando os *surdos-mudos* em *surdos-falantes*.

Muitos trabalhos já discutiram Milão e focaram sobre as deliberações do evento. Partimos do pressuposto que em Milão a decisão pelo método oral puro foi prévia. Portanto, interessa-nos compreender como os participantes, já simpatizantes dos métodos de articulação, utilizaram daquele espaço para a configuração de sua verdade a ser proclamada de forma inquestionável e a ser praticada pedagogicamente. Ponderamos essa inquestionabilidade da decisão em função da prática social da época que, através de congressos, convocava interessados e estudiosos sobre um determinado tema e por meio de votação se apresentavam aquelas decisões como as que deveriam ser implantadas.

Para entender a história a partir de Foucault, é necessário desprovê-la de constantes, fazê-la se fragmentar, se despedaçar, partir para a origem, para a emergência dos acontecimentos. Fugir dos possíveis discursos de uma verdade que impera num determinado tempo e mudar a maneira como olhamos para o presente. Segundo Foucault, “as pessoas são mais livres do que pensam, que elas tomam por verdadeiros, por evidentes certos temas

⁵ Ao longo do texto conservamos a expressão “surdo-mudo” que era utilizada no final do século XIX para se referir aos surdos.

fabricados em um momento particular da história, e que essa pretensa evidência pode ser criticada e destruída” (FOUCAULT, 2014, p. 288).

Neste contexto, por meio de uma análise do *corpus* documental, desejamos problematizar como nos documentos que nos permitem acessar o Congresso de Milão é possível se visualizar a constituição de uma verdade que teve profundo impacto na história da educação de surdos ao considerar como ideal e legítimo apenas o método oral puro.

Os documentos do Congresso em Milão apresentam-se como uma fonte riquíssima onde os saberes/poderes elegem verdades, por meio dos discursos na trama do acontecimento. Foucault (1986, p.146), descreve que “o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história”. Para o filósofo francês a história apresenta jogos de poder o tempo todo, por se utilizar de um conjunto de verdades que deve dobrar e conduzir as práticas e o modo de ser do indivíduo. Nessa grade de inteligibilidade estão envolvidos poder/saber e subjetivação, um enredo que se movimenta no sentido de operar práticas e construir sujeitos. As verdades que são criadas a partir dos saberes (poderes) conduzem os modos de ser, que devem ser moldados. Destarte, em Foucault, entende-se esse movimento como práticas de si. “A verdade se formula em forma de prescrição e profecia, na forma de um olhar eterno e todo poderoso...” (Foucault, 2013, p.46).

Essa proclamação de um discurso oracular só é possível emergir daquele que detém o poder, do divino, por um movimento constante que quer garantir a manutenção desse poder, por meio das verdades pronunciadas e posteriormente elegidas e legitimadas. Trata-se de uma orquestração político-religiosa onde “o que o assusta é perder o próprio poder” (Foucault, 2013, p.49).

A partir dessa análise, ele apresenta o famoso triângulo edipiano, utilizado para manipular o comportamento, produzir aquele que se quer, subjetivar o sujeito. As características que compõem a prática para esse exercício são: o oracular (divino), o soberano (aquele que detém o poder), os servidores (aqueles que se submetem às verdades desse poder/saber). O poder na configuração da história de Édipo é um instrumento utilizado para a sua própria sustentação na realeza,

em seu lugar de destaque, mas é também um instrumento de submissão, que penetra no inconsciente.

A apropriação de um discurso divino revela não só um enunciado de salvação e libertação para os servís, aqueles que servem às verdades de maneira submissa na manutenção dessas verdades em seu lugar de legitimidade, ecoando-as por meio de discursos mesmos e práticas. Mas a apropriação da própria divindade – daquele que não só detêm a verdade, mas que é a própria verdade.

Segundo Fischer (2012, p. 75), tudo em Foucault é prática e tudo está imerso nas relações de poder e saber. Neste trabalho, compreendemos que as práticas docentes são respostas às configurações provenientes das práticas pedagógicas estruturadas “como instâncias críticas das práticas educativas, na perspectiva de transformação coletiva dos sentidos e significados das aprendizagens” (FRANCO, 2016, p. 543).

E, a partir de uma análise documental e monumental das fontes, intencionamos compreender a constituição das formas de um determinado saber pedagógico que possibilitam ao surdo-mudo ser instruído. Além de entender, dentro dessas práticas pedagógicas, de que forma determinadas ações permitiram normatizar o melhor método para a instrução dos surdos-mudos.

2 MILÃO: UM MONUMENTO EM VÁRIOS DOCUMENTOS

O evento se deu entre os dias 06 e 11 de setembro de 1880 na cidade de Milão (Itália), e segundo o relatório de Treibel⁶ “Encontraram-se no Congresso Internacional de Milão: 87 italianos, 57 franceses, 9 ingleses, 5 americanos, 3 suecos, 1 belga e 3 alemães” (TREIBEL, 1881, p. 01 - tradução nossa). À exceção de quatro surdos, todos os congressistas que propunham discutir o melhor método para a educação de surdos eram ouvintes.

As decisões do Congresso de Milão podem ser conhecidas por, ao menos, seis documentos distintos. Apesar de terem elementos em comum, é inegável que

⁶ Relatório do Dr. theol. Edmund Treibel. Diretor do Instituto Real de Surdos-Mudos em Berlim, publicado em 1881, Berlim.

somente uma leitura do conjunto desses documentos permite compreender a complexidade de Milão.

O documento traduzido no Brasil é a versão elaborada por Arthur Alfred Kinsey (1850-1888), responsável pela seção anglofônica do congresso. Sob o título “Atas do Congresso de Milão”, o relatório de Kinsey foi publicado na Série Histórica do INES, em 2011. Já o texto oficial das atas, redigido pelo secretário italiano do congresso, professor Pasquale Fornari (1837-1920), ainda não publicado para língua portuguesa, pode ser lido no original italiano ou na sua versão francesa.

Outros dois textos que retratam Milão retomam as ideias principais do evento, mas se tornam singulares por serem relatórios de enviados ao congresso. Adolphe Frank (1834-1926), de formação filosófica, fora enviado ao evento pelo Ministro do Interior da França. O relatório elaborado por Frank foi publicado no *Journal Officiel* nº 346 de 18 de dezembro de 1880. E, o quarto texto, de Ernest La Rochelle (1814-?) trata-se de um relatório para a família Pereire que na França trabalhava com o método oral. Ambos os relatórios são bastante concisos, mas incisivos em que se fazia necessária, após as deliberações de Milão uma mudança na metodologia de educação de surdos em solo francês, tradicionalmente, marcado pela preferência em relação ao uso de sinais e também do método misto.

Um quarto relatório ajuda-nos a perceber como a Alemanha recebeu Milão. O Dr. Edmund Treibel faz uma síntese do evento em que se permite notar certo descrédito por partes dos alemães em relação a esse tipo de evento. Treibel analisa de maneira bastante objetiva todo o decorrer do congresso e, ao final, enquanto único alemão presente em Milão, demonstra-se convencido de que a prática alcançou o objetivo proposto e que também em sua nação se deveria realizar um evento similar. Por fim, o sexto documento de que dispomos é o texto de Dr. Peyron publicado na revista parisiense *Annales des maladies de l'oreille, du larynx (otoscopie, laryngoscopie, rhinoscopie) et des organes connexes*. Apesar de tratar-se de uma revista de cunho científico, o artigo de Peyron é bastante coloquial e ajuda-nos a perceber como a “experiência” foi fator determinante na consecução de Milão.

Cada um dos documentos atende, de alguma maneira, aos interesses daquelas pessoas que participaram do Congresso citado. Assim, acreditamos que ao aproximarmos os seis documentos, nos deparamos com o monumento Milão. Pois como nos aponta Le Goff, por estes documentos podemos nos aproximar de homens e mulheres, de suas ideias e desejos, de suas realizações. “Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, em pleno movimento de causa” (LE GOFF, 2013, p. 495).

A história, na atualidade, ao fazer a reconstituição do passado e ao analisar os documentos e monumentos com profundidade, possibilita, por meio dos rastros deixados pelo homem, conhecer dados que foram deixados de lado pela história tradicional.

3 AS PRÁTICAS EM MILÃO: PARA ALÉM DA OPOSIÇÃO ENTRE ORALISMO E LÍNGUA DE SINAIS

Notadamente os trabalhos que discutem o Congresso de Milão abordam como nele se explicitou a polarização entre o *método oral puro* e o *método misto*. Essa oposição traduziu-se numa compreensão bastante difundida, posteriormente, da oposição entre oralismo e línguas de sinais. Acreditamos que essa questão já foi suficientemente refletida (ROCHA, 2010), contudo, há outros elementos presentes no *corpus* monumental do Congresso de Milão que nos auxiliam a compreender como, para além da oposição entre métodos, em Milão se discutem práticas pedagógicas e o próprio evento se configura como uma prática pedagógica.

O debate sobre os métodos toma a maior parte do tempo do congresso, fazendo, inclusive, com que se inverta a ordem do programa previsto em carta-convite do evento. Evidencia-se, portanto, que não havia apenas um método, mas métodos. E na exposição de cada método ou da compreensão, nem sempre unânime do mesmo método, os congressistas mencionam, a partir de suas experiências, quais práticas têm implementado, realçando seus êxitos, dificuldades e até fracassos.

Foucault nos fala de procedimento de controle do discurso:

[...] eles podem ser externos, quando realizam a submissão da dimensão do discurso relativa ao poder e ao desejo, são eles: a palavra proibida, a separação entre normal e anormal e a vontade de verdade; podem ser internos, quando dizem respeito à sujeição do acontecimento e do acaso, tais quais: o autor, o comentário e a disciplina; e podem ser também o grupo de controle dos sujeitos que pronunciam o discurso, como os sistemas de restrição que são exercidos nos rituais da palavra, nas sociedades do discurso, nas doutrinas e mesmo no próprio sistema de ensino (FOUCAULT, 2009b, 39-44).

Em meio a discursos que procuram justificar a opção pelo método oral, várias outras questões são perpassadas. Pode-se perceber que, durante todo o evento, houve grande influência da Sociedade de Formação de Professores para Surdos e Difusão do Sistema “Alemão”⁷, convidada para apresentar reflexões a partir das práticas por eles vivenciadas na educação de surdos.

Os trabalhos apresentados tinham por objetivo convencer a todos da eficácia do método “alemão”. A sra. John Ackers abordou o “Desenvolvimento mental dos surdos com base no sistema ‘alemão’”, mostrando como a partir de sua experiência de mãe de uma criança surda e que visitou diversas instituições de educação de surdos, compreendia a relevância do método oral. Suzana Hull, professora de surdos, relatou “Minha experiência com diversos métodos educacionais para crianças surdas de nascença” evidenciando sua opção por abandonar o método misto, com o qual trabalhou por muitos anos, por considerar que o método oral era mais eficaz e permitia a socialização dos surdos (KINSEY, 1880).

Os aspectos pedagógicos ficam muito evidentes nos registros do congresso. Se a decisão do congresso teria ressonâncias mundiais, era necessário ter clareza do que se praticaria, posto que nas críticas ao método oral se recordava que muitos fizeram adaptações prejudiciais. O método estava previamente escolhido, mas se fazia premente esmiuçá-lo metodologicamente. Se visibiliza aí como certa cientificidade é aplicada à compreensão do método.

⁷ Ao longo do texto de Fornari percebe-se que a nomenclatura dada ao método oralista é criticada. Os da “Sociedade de Difusão” o compreendem como “sistema alemão” em referência ao método atribuído a Heinicke em que não se permite o uso de sinais e popularizou-se como “método alemão”. Os oralistas franceses, presentes no congresso, não gostam do termo “método francês” para se referir ao uso dos sinais e recordam que a articulação também fora utilizada por Valade-Gabel em Paris. “Sistema alemão”, “método alemão”, “método oral puro” acabam tendo o mesmo significado de indicar o método que ensinaria os surdos a falarem sem o auxílio do uso de sinais.

No documento elaborado por Fornari pode se ler uma breve carta enviada por Felice Carbonera, surdo-falante defensor do método oral. Carbonera recorda ser o primeiro surdo educado pelo método articulado em Milão, por volta do ano de 1847. Insiste sobre os benefícios que sente ter recebido graças à oralização, fala da eficácia das poucas lições recebidas e conclama:

Portanto, desejoso que todos os meus irmãos da desventura possam aproveitar a mesma vantagem, espero que todos os notórios senhores instrutores de surdos e mudos assiduamente envolvidos em tal instrução de linguagem articulada e por todo o curso de estudos nunca esqueçam de corrigir e melhorar a palavra de seus alunos, para que possam alcançar o desejado conforto moral e social (FORNARI, 1880, p. 411 - tradução nossa).

A leitura da carta de Carbonera manifesta como também entre os surdos havia defensores do método articulado e como se dispunham a propagar suas vantagens. Parece-nos mais um elemento na constituição de uma verdade, pois a partir do relato de um surdo pode se impor a outros da mesma condição a eficácia com que o “irmão de infortúnio” fora salvo do alijamento social.

Vozes dissonantes também estavam presentes em Milão como se pode ler na resposta de Edward Gallaudet a uma das questões do congresso, pronunciando-se a favor do “método combinado”. Em seu texto “Sobre o ensinamento secundário e superior dos surdos-mudos”, Gallaudet mostra como nos Estados Unidos houve um avanço ao se ofertar cursos de nível secundário e superior para os surdos e como tal tarefa permanecia ainda a ser realizada na Europa:

Pois, mais que os outros, [os surdos] precisam recorrer aos tesouros do conhecimento, a fim de compensar a privação dos dois vínculos que mais estreitamente ligam o ser interior à natureza, e também, a fim de lhes trazer consolação sem número que não podem deixar de experimentar no íntimo intercâmbio das obras-primas da mente humana (FORNARI, 1880, p. 435 - tradução nossa).

Concluimos que, para além da oposição entre sinais e oralização, há nos documentos uma série de outras temáticas que nos permitem compreender mais profundamente como se intentava propor uma prática pedagógica.

4 AS BASES PARA UM PENSAMENTO DOMINANTE

Numa Europa marcadamente católica e que ainda procurava mostrar-se potente diante das investidas protestantes, o Congresso de Milão é também expressão de uma fundamentação religiosa *versus* o advento da perspectiva

científica darwinista⁸. Grande parte dos congressistas era composta por religiosos católicos. Desde a abertura do evento, perpassando diversas exposições e debates, recorre-se aos textos bíblicos para se fundamentar a argumentação em defesa do uso da palavra. Portanto, está em voga uma prática pedagógica calcada na fundamentação religiosa.

Na tradição judaico-cristã a palavra é expressão da força divina capaz de criar e ordenar todas as coisas. No relato bíblico, o Criador faz uso da palavra para dar vida às coisas. Lê-se na semana da criação uma série de ações em que Deus diz: “Faça-se...!”. É pela palavra de Deus que águas e terras se separam, que árvores frutificam, que o humano também é feito. E, se constituído à imagem e semelhança do Criador, como poderia o humano não falar? A palavra é tida como expressão de um dom divino.

Dr. Zucchi, presidente do conselho diretivo do Instituto Real dos Surdos-mudos de Milão, representante do Ministro da Instrução Pública e da Associação Pedagógica de Milão, o afirma nos seguintes termos: “a palavra viva, que é o privilégio do homem, o veículo único e seguro do pensamento, o dom de Deus, do qual pudemos dizer com verdade: ‘Luz da alma é a palavra e a alma é na terra a luz do pensamento divino’” (FORNARI, 1880, p. 95 - tradução nossa).

Na sequência do mito da criação, o capítulo 2 de Gênesis nos fala de como Deus convida Adão, o primeiro humano, a colaborar na obra da criação. Este argumento usado por um dos congressistas parece indicar a impossibilidade de se atingir a plena humanidade sem o uso da fala. É, pois, o ato de falar que permite ao humano distinguir-se daqueles a que ele nomeia. Balestra, sacerdote diretor do Instituto de Surdos-mudos de Como (Itália) faz de tal argumento bíblico uma prerrogativa de veracidade para o método oral puro:

⁸ O naturalista britânico impacta o século XIX com sua compreensão de evolução em “A origem das espécies” (1859); de possível descendência humana a partir de formas inferiores em “A descendência do homem e seleção em relação a sexo” (1871); das emoções em “A expressão da emoção em homens e animais” (1872). Darwin propunha que algumas expressões humanas só poderiam ser explicadas “com a crença de que o homem existiu um dia numa forma mais inferior e animalesca” (DARWIN, 2000, p. 22). Tendo descendência comum com alguns macacos, o homem pelo uso ou desuso de alguns movimentos foi também delineando sua forma de se expressar. Na perspectiva de Darwin, serão o uso e o desuso os determinantes para que uma dada característica evolua ou desapareça ou deixe alguma lembrança (RODRIGUES, 2018).

Todos vocês falaram admiravelmente; mas eu quero sanar uma lacuna. Primeiro: método objetivo. Deus, depois de criar o homem, deu-lhe a palavra e Adão deu um nome a todos os animais; foi, portanto, o próprio Deus que nos forneceu o método oral objetivo (FORNARI, 1880, p. 261 - tradução nossa).

Como se tratou de um evento com grande participação de representantes católicos, há também na argumentação certo apelo ao carisma missionário. Recorre-se ao texto bíblico em que Jesus envia seus discípulos para então sugerir a necessidade de que o surdo fale e possa, portanto, comunicar a boa nova recebida. O “efatá!” missionário se constitui como elemento que corrobora para a escolha do método em função de uma possível confissão:

Somos todos filhos do mesmo Cristo, que nos deu o exemplo: “fez aos mudos falarem”, e o ministro de Cristo deve abrir a boca para o mudo. As escrituras também dizem: “Ide e ensinai”, este é o nosso programa. Nós também somos surdos-mudos no meio da sociedade que não nos entende; e é doloroso saber que existem alguns confrades que não nos entendem. Acrescentarei que é necessário para um padre católico que os mudos saibam falar, por causa do que confessamos, e que no campo o sacerdote entenderá todo o contrário que o pobre surdo-mudo lhe dirá por sinais. Por favor: Vote na palavra, sempre na palavra (FORNARI, 1880, p. 154 - tradução nossa).

Junte-se à base bíblica uma certa fundamentação filosófica. A maior crítica feita ao método misto, sob esta perspectiva, é que os sinais impedem aos surdos de fazerem uso da abstração. Ao longo dos discursos se exemplifica que o surdo-falante, diferente daquele educado pelo método misto, será capaz de compreender conceitos metafísicos como existência, divindade etc. Pensar seria típico do humano, mas algo a que o surdo somente iria alcançar caso conseguisse falar. Bouchet, capelão dos surdos em Morbihan (França) refere-se a isso: “A fala, de fato, é o veículo natural do pensamento; a palavra criou a ideia em todas as coisas do universo. Toda ideia, todo sentimento, se expressa pela fala. Viva a palavra!” (FORNARI, 1880, p. 147 - tradução nossa). É necessário distinguir o humano dos animais e isso é feito pelo uso da palavra. Importante notar como, ao fazer certo movimento que insiste no uso da palavra, se confirma uma distinção darwinista sobre evolução, mas ao mesmo tempo se assume a postura do naturalista britânico de que as expressões faciais e gestos estariam numa cadeia evolutiva. Por isso também o uso dos gestos era visto como tão ameaçador, pois poderia corromper a

humanidade evoluída. Arnold, representante da Inglaterra o explicita nos seguintes termos:

Repito: não foi encontrado nenhum símbolo de pensamento que possa ser comparado a sons articulados. Ouvimos ou sentimos os sons, mas nunca podemos transformá-los em imagens materiais. Eles não ocupam lugar no espaço. E esta é a razão pela qual eles foram escolhidos por natureza ou pelo Criador onisciente para o tempo em que nos tornamos capazes de pensar e como resultado de falar. Os signos são representações ideográficas, símbolos ou hieróglifos derivados da forma, cor ou magnitude das coisas visíveis que eles afirmam fornecer na ausência deles. Em cada um há um objeto mental ou uma ideia sugerida pela coisa da qual é o signo. (FORNARI, 1880, p. 141-142 - tradução nossa)

A expressão comemorativa “*Viva la parola*” (“Viva a palavra”), presente em diversos momentos dos textos evoca o sentimento de contentamento por parte dos oralistas ao decidirem pelo uso do método oral puro. No relatório de La Rochelle, mais conciso e organizado em torno das deliberações, há um conjunto de expressões similares que expressa o sentimento de triunfo por parte dos oralistas: “vitória que está se preparando”; “Seu triunfo é afirmado”; “Esta resolução foi votada com entusiasmo”; “A bandeira da palavra”; “Desaparece, simulacro vaidoso! O verdadeiro Deus se tornou conhecido”; “O mal é o silêncio”; “Vitória” (ROCHELLE, 1880 - tradução nossa).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Milão ainda tem muitos elementos a nos provocar. Acreditamos que neste congresso de 1880, por meio da apresentação de algumas práticas e dos argumentos que as fundamentavam se operou a constituição de uma verdade por parte de um determinado grupo. O *corpus* documental sobre o qual nos debruçamos permite compreender o quanto o evento se deu em meio à complexidade de se elaborar uma dada verdade. As falas dos participantes apontam para pontos de encontro, mas também para dissonâncias, ou seja, mesmo entre aqueles que já consideravam a questão da articulação como o método ideal para se educar os surdos, havia questões a serem dirimidas.

Apesar de não termos nos detidos nas deliberações do evento - bastante conhecidas por aqueles que estudam a história da educação de surdos -; a escolha do método oral puro como melhor método teve impactos futuros que não são de fácil verificação no *corpus* analisado.

Essa aproximação que fizemos aos textos de Milão deixa entreaberta uma série de questões que exigem aprofundamento. Como ler documentos do século XIX e interpretá-los para permitir que digam algo ao nosso presente? Considerando que algumas abordagens da história da educação de surdos veem em Milão um prenúncio do antagonismo entre surdos e ouvintes em função da oposição lá explicitada entre os métodos, como se aproximar destes documentos e colher as outras riquezas que nele se nos apresentam?

“Abre-te!” parece-nos condizente com a construção de uma verdade para operar sobre as pessoas de modo a fazê-las também dizer aquilo que foi de modo incontestavelmente aceito. O “abre-te” cristão direcionado aos surdos por meio da oralização pode ter significado uma série de cerceamentos, mas também uma abertura para outras práticas que escapavam ao governo imposto. Paradoxalmente, talvez em Milão, ao se preconizar o ideal da oralização se abram horizontes para um rompimento da assistência destinada aos surdos e um incipiente movimento para a emancipação daqueles que passarão a ser compreendidos como sujeitos a serem educados. Milão encontra-se aberto aos nossos olhares problematizadores ou melhor, encontra-se a nos pedir: “Abram-me!”

REFERÊNCIAS

- BENVENUTO, Andrea. L'autre Milan 1880: le congrès international d'otologistes et l'instruction physiologique. **La nouvelle revue de l'adaptation et de la scolarisation**, Paris, n. 49, jan.fev.mar. 2010
- CÂMARA, L. C. **A invenção da educação dos surdos: escolarização e governo dos surdos na França de meados do século XVIII a meados do século XIX**. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. Programa de Pós-graduação em Educação, Campinas, 2018.
- ENCREVÉ, Florence. **Sourds et société française au XIXe siècle**. Thèse (Doctorat d'histoire). École doctorale “Pratiques et théories du sens”. 595 f. Université Paris. Saint-Denis, 2008.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FORNARI, P. **Compte-rendu du Congrès International pour l'amélioration du sort des sourds-muets tenu à Milan du 6 au 11 septembre 1880**. Rome: Héritiers Botta, 1881.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. 36ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009a.

_____. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 18ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009b.

_____. **A Coragem da Verdade: O governo de si e dos outros II**. Curso no Collège de France (1983 -1984). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014

FRANCK, A. **Rapport au Ministère de l'Inérieur et des Cultes sur le Congrès de Milan**. Fac-símile organizada pela Edition du Fox, domínio público disponível para download em: <http://www.2-as.org/editions-du-fox/>. Acesso em: mar. 2019.

LA ROCHELLE, E. **Le Congrès de Milan pour l'amélioration du sort des sourds-muets**. Rapport adressé à M. Eugène Pereire - Président du Comité d'organization. Paris: M. Saint-Jorre, 1880. Paris: s.e., 1880. Fac-símile organizada pela Edition du Fox, domínio público disponível para download em: <http://www.2-as.org/editions-du-fox/>. Acesso em: mar. 2019.

LARROSA, Jorge Bondía. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. 6. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990. (Repertórios)

KINSEY, A. A. **Relatório das leituras apresentadas durante o Congresso Internacional de educação para surdos**. Realizado em Milão de 6 a 11 de setembro de 1880. Extraído das minutas oficiais em inglês. Londres: Allen &Co., 1880.

MILÃO, **Atas do congresso de - 1880**. Rio de Janeiro: INES, 2011. (Histórica, 2)

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação e Currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (orgs.);

- Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 23-45.
- PEYRON, L-E. Congrès international de Milan, pour l'amélioration du sort des sourds-muets. Du samedi 6 au lundi 11 septembre 1880. In: **Annales des maladies de l'oreille, du larynx (otoscopie, laryngoscopie, rhinoscopie) et des organes connexes.** Paris: G. Masson, 1880, V. VI. pp. 301-306; 342-352.
- RENARD, M. **Les Congrès Internationaux pour les ou des sourds-muets au XIX^e Siècle.** Essarts-le-Roi: Editions du Fox, 2015.
- ROCHA, Solange M. da. **Memória e história:** a indagação de Esmeralda. Petrópolis: Arara Azul, 2010. (Caderno Acadêmico; 1)
- RODRIGUES, J. R.; VIEIRA-MACHADO, L. M. da C. A participação da Sociedade de Formação de Professores para Surdos e Difusão do Sistema "Alemão" no Congresso de Milão (1880). In: VIEIRA-MACHADO, L. M. da C.; BARBOZA, F. V.; MARTINS, V. R. O. **Pesquisas em educação de surdos, tradução, interpretação e linguística de línguas de sinais:** tecendo redes de amizade e problematizando as questões do nosso tempo. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2018.
- RODRIGUES, J. R. **As seções de surdos e de ouvintes no Congresso de Paris (1900):** problematizações sobre o pastorado e a biopolítica na educação de surdos. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo - Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória, 2018.
- TREIBEL, Edmund. **Der zweite internationale Taubstummlehrer-Kongress in Mailand.** Berlin: Verlag von Wilhelm Issleib, 1881.